

Ciência e Cultura Popular: a hibridação entre o discurso científico e a Literatura de Cordel

Universidade Federal
do Rio Grande do Norte

Itamar de Morais Nobre
itanobe@gmail.com

Francisco José da Silva Rocha Filho
franciscorochajorn@gmail.com

Resumen

La investigación apunta las principales características de los cordéis biológicos del autoría del professor jubilado de la UFRN Marcos Medeiros, que son utilizados como recurso didáctico adicional en el processo enseñanza-aprendizaje, en la academia universitária. Para eso, fue empleada la metodología del análisis de contenido, además de la técnica de la entrevista, para entender el processo de construcción de esa herramienta. Exponemos, aún, un estudio comparativo entre el campo empírico de esta monografía y los folhetos producidos siguiendo los moldes tradicionales. En el tocante la epistemología científica, buscamos apuntar las principales convergências entre los cordéis biológicos, el paradigma emergente de la ciência y el concepto de ecología de los saberes presentado por el professor portugués Boaventura de Sousa Santos.

Palabras-claves:

Cultura popular; hibridación; folkcomunicación; ciência.

Abstract

This research shows the mains “biological cordéis” characteristics created by the retired teacher Marcos Medeiros. Those ‘cordéis’ are used as an additional teaching tool in the teaching-learning process at under graduation courses. In this manner, content analysis was used as the main methodology followed by interview technique, both to understand the construction and application of that educational tool. With that in mind, it was proposed a comparative study between the empirical knowledge of this research and ‘cordéis’ which are produced following its traditional methods. Regarding the scientific epistemology it was pointed out the main similarities contained in the biological ‘cordéis’ which can be in agreement to the emerging paradigm of science and the ecology of knowledge concept theorised by the portuguese professor Boaventura de Sousa Santos.

Key-words:

Popular culture; Literature of ‘cordel’; hybridity; Folkcomunicação; Science.

Resumo

A pesquisa aponta as principais características dos “cordéis biológicos”, de autoria do professor aposentado da UFRN Marcos Medeiros, que são utilizados como recurso didático adicional no processo ensino-aprendizagem, na academia universitária. Para isso, foi empregada a metodologia da análise de conteúdo, além da técnica da

entrevista, para entender o processo de construção dessa ferramenta. Expomos, ainda, um estudo comparativo entre o campo empírico desta monografia e os folhetos produzidos seguindo os moldes tradicionais. No tocante a epistemologia científica, procuramos apontar as principais convergências entre os cordéis biológicos, o paradigma emergente da ciência e o conceito de ecologia dos saberes apresentado pelo professor português Boaventura de Sousa Santos.

Palavras-chave:

Cultura Popular; Literatura de cordel; Hibridismo; Folkcomunicação; Ciência.

Introdução

O homem para tornar mais eficaz o processo comunicativo desenvolveu ao longo da história ferramentas de comunicação. Essas ferramentas possuem características peculiares, que foram evoluindo ao longo do tempo, devido o desenvolvimento da tecnologia e para atender as necessidades do contexto atual. Nesta perspectiva, o homem criou o cordel.

Há registros de que o gênero da literatura de cordel foi criado em Portugal. A chegada dos folhetos no Brasil se deu por volta da segunda metade do século XIX. A região Nordeste do país foi onde os cordéis tiveram maior representatividade social. Primordialmente, os folhetos serviam de mecanismo de informação e conhecimento para as camadas populares da sociedade.

Com o passar do tempo, os cordéis adquiriram novos objetivos. Se antes eram, apenas, voltados para a grande massa, hoje a literatura de cordel é apreciada por uma gama considerável de pessoas – deixando de ser entendida como literatura menor ou marginalizada. A métrica dos cordéis tornou-se fator de admiração de uma pretensa elite intelectual.

As novas configurações possíveis que se encontram os folhetos na atualidade, nos fez enxergar um objeto de estudo interessante: os “cordéis biológicos” do professor Marcos Medeiros¹. Há nesses cordéis fatores que os diferenciam dos produzidos nos moldes tradicionais, no entanto, há convergências importantes. Esses folhetos não são voltados para o público popular, pois a linguagem predominante é a científica.

O discurso científico versificado e metrificado dentro de um objeto da cultura popular, neste caso o cordel, sendo utilizado como ferramenta pedagógica facilitadora no ensino da biologia é a proposta metodológica do professor doutor Marcos Medeiros, que por meio desta metodologia também tem como objetivo reforçar e preservar a cultura popular.

Como professor do ensino superior, seus cordéis eram aplicados por ele em aulas no exercício da docência, como ferramenta de auxílio didático. No entanto, sua proposta pedagógica foi apresentada para outros educadores em cursos de especialização de professores. Com isso, a utilização de seus cordéis científicos passou a ser incorporado em sala de aula por outros docentes. O professor Marcos Medeiros chama seus folhetos de “cordéis biológicos”. Por isso, adotaremos essa nomenclatura no decorrer deste trabalho.

Delimitamos como campo empírico um total de dez cordéis, todos da autoria de Medeiros (2009), tendo em vista sua formação acadêmica, todos os cordéis analisados abordam a temática da biologia. Os títulos dos cordéis são: “Ave, aves”, “Peludos e mamadores”, “Osso

¹ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do curso de Ciências Biológicas, aposentado no ano de 2011. Ver breve currículo disponibilizado nos anexos desta monografia.

também é cultura”, “Chifre herdado e chifre adquirido”, “Célula, cerne da vida”, “Um passeio pelo universo dos insetos”, “Rastejantes buraqueiros”, “Ô marzão bom de peixe”, “Concentre seu ser humano bem no meio do ambiente” e “Com um pé na água e outro na terra”. Todos os folhetos foram impressos em 2009.

O que mais chama atenção nos folhetos produzidos pelo professor Medeiros não é, apenas, o fato de serem cordéis educativos, mas o fato de ser a linguagem científica imbricado na ferramenta de comunicação popular. Ou seja, não são cordéis voltados para a massa, como se propõe os folhetos tradicionais; são folhetos direcionados às pessoas que detêm um conteúdo específico de conhecimento e mais especificamente estudantes de biologia, que possuam conhecimento suficiente para entender palavras peculiares da área de estudo.

Outro fator que desperta o interesse no objeto de estudo deste trabalho é o fato de se perceber o popular dialogando com o discurso científico e, portanto, se inserindo dentro do contexto acadêmico. Em um universo onde estamos cada vez mais conectados às mídias digitais e se apropriando de elementos do ciberespaço, os cordéis biológicos são importantes provas de resistência, que reforçam a riqueza do popular e servem também como uma eficiente ferramenta pedagógica.

Observando estas peculiaridades do objeto deste estudo levantamos a seguinte pergunta: como se caracteriza o cordel quando é utilizado como ferramenta didática tendo a linguagem científica imbricada?

O cordel por possuir um caráter lúdico e ser apresentado aos estudantes como gênero literário nas escolas, no início de sua formação, torna possível a possibilidade de ser bem aceito como um recurso adicional no ensino da biologia. Conjecturamos um possível potencial no campo empírico analisado no sentido de disseminar conhecimento científico e fomentar a importância da cultura popular no ambiente acadêmico.

A folkcomunicação dará aporte teórico e metodológico para entendermos a hibridação clara que há entre o folclore e a comunicação no campo empírico desta monografia. Os estudos desta ciência servirão de suporte para investigarmos as características desse atrelamento.

Marques de Melo (2008) explica que na conjuntura em que foi formulada a teoria da folkcomunicação, a cultura popular se apresentava de forma residual nos meios de comunicação de massa. O autor ainda explica que neste contexto se imaginava que haveria uma desvalorização do popular e que iria emergir uma cultura proletária. No entanto, o autor diz que:

Mas nada disso vingou. No limiar do século XXI vivemos um período marcado pelo florescimento das culturas locais e regionais. Este episódio particular da resistência à globalização unipolar é reflexo da luta das culturas periféricas no sentido de ocupar espaços apropriados no mosaico multicultural propiciado pelas novas tecnologias de difusão simbólica. As manifestações folkcomunicacionais ganham intensidade, de norte a sul (do Brasil) e de sul a norte (do Planeta) (MELO, 2008, p. 70).

O popular adentrando a academia, mesmo que reformulado a outros objetivos, é um exemplo da permanência da cultura popular em diferentes esferas sociais. Dentro desta perspectiva, reiteramos o objetivo do Medeiros (2014) de apresentar e perpetuar a Literatura de Cordel.

Os adventos tecnológicos, os meios de comunicação de massa, dentre os fatores contribuíram para que hoje possamos encontrar o popular de forma híbrida em diferentes situações. Gadini (2007) levantando o debate sobre o termo “culturas populares”, assim mesmo no plural, afirma que:

Assim, frente à complexidade do conceito de cultura popular, pode-se dizer que a tendência à miscigenação (apropriação, adaptação ou recriação), sincretismo ou hibridação estabelece relações entre diferentes situações e expressões culturais, sejam essas advindas da espontaneidade popular, das produções industriais, da circulação

mediática acelerada ou mesmo oriundas de outras regiões, países ou continentes (como supõe a lógica da globalização contemporânea) (GADINI, 2009, p. 57).

Vale salientar que os cordéis biológicos analisados neste estudo não são aplicados em sala de aula com o intuito de substituição das demais formas metodológicas de ensino. A utilização dos folhetos biológicos surge como um recurso adicional, para facilitar a apropriação do conteúdo por parte dos alunos, tendo em vista que a linguagem rimada e metrificada da literatura de cordel permite melhor fixação do conteúdo.

Um objeto da cultura popular com a linguagem científica, canônica e elitista, imbricadas é uma ruptura na forma do pensar hegemônico, que julga não haver interação entre estas esferas do conhecimento. Esse modelo de pensar é refutado por Santos (2004), quando fala sobre a crise do paradigma dominante da ciência e aponta um paradigma emergente, explicitado em diferentes teses, uma delas afirmando não haver distinção entre as diferentes formas de saberes.

O principal objetivo deste estudo é o de identificar as principais características dos cordéis biológicos produzidos pelo professor Marcos Medeiros, quando empregados como ferramenta didática no ensino da biologia. Utilizamos a metodologia da análise de conteúdo para obter êxito na busca de respostas para os questionamentos suscitados na problemática.

Além disso, delimitamos objetivos específicos que foram: traçar um comparativo entre os cordéis biológicos e os cordéis tradicionais; e investigar quais são as convergências entre o campo empírico desta monografia e o paradigma emergente da ciência explicitado por Santos (2004).

Para dilucidar esta pesquisa foram demarcados três capítulos. Dessa forma, o objetivo central e os específicos tornaram-se mais acessíveis no desenvolvimento deste estudo.

No primeiro capítulo intitulado “Os cordéis biológicos e os cordéis tradicionais”, buscamos explicitar as principais características do cordel produzido pelo professor Marcos Medeiros. Para isso, utilizamos a metodologia da análise de conteúdo para identificar essas características e seguida apontamos as diferenças e convergências entre os cordéis biológicos e os folhetos produzidos nos moldes tradicionais.

No segundo capítulo intitulado “Os cordéis biológicos e a folkcomunicação”, nos baseamos na teoria folkcomunicacional, buscando refletir sobre o conceito de líder de opinião, que é uma referência conceitual da Folkcomunicação. Além disso, neste capítulo explicitamos de maneira mais clara o diálogo entre o popular e a comunicação.

No terceiro capítulo “O paradigma emergente da ciência e os cordéis biológicos”, nos debruçamos sobre alguns livros da obra do autor português Boaventura de Sousa Santos, para verificarmos se há convergência entre o campo empírico deste estudo e o paradigma emergente da ciência, apontado por Santos (2004). Trazemos alguns pensamentos do autor português que vão de encontro à este estudo, com o intuito de enriquecer os debates sobre epistemologia científica e reiterar a importância do trabalho do professor Medeiros (2009).

Metodologicamente, nesta monografia faremos o uso da técnica da entrevista, para podermos obter respostas do professor Medeiros. Além desta, a análise de conteúdo será uma metodologia capaz de nos fazer entender as peculiaridades e características do campo empírico deste trabalho.

A entrevista surge como um recurso técnico metodológico capaz de entendermos inúmeros questionamentos acerca do uso dos cordéis biológicos em sala de aula, assim como, a utilização deste material por outros professores.

Dentre os tipos existentes de entrevistas, utilizaremos a descrita por Duarte (2011) como entrevista em profundidade.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da

experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2010, p. 62).

As perguntas que serão elencadas para o professor Marcos Medeiros, servirão para entendermos o processo de produção dos cordéis científicos. Além disso, buscaremos compreender a motivação para confecção dos folhetos científicos.

Duarte (2011), falando da técnica da entrevista como recurso metodológico prevê seu uso para questionarmos tanto em assuntos pertinentes à peculiaridades do entrevistado – em nosso caso buscaremos entender a aproximação do Marcos Medeiros com os cordéis e, sobretudo, com a cultura popular, – além de questionarmos acerca do processo que envolve os cordéis biológicos de maneira generalizada.

Dentre as classificações possíveis de entrevistas a serem utilizadas neste trabalho, nos ateremos, apenas, a entrevista semi-aberta que é um “modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura aos interesses de pesquisa” (DUARTE, 2010, p. 66).

Mesmo com o uso de um roteiro, a entrevista semi-aberta permite que o pesquisador aproveite a abordagem de cada questão para explorar de maneira imersiva cada resposta, aproveitando ao máximo o que a fonte pode oferecer sobre determinado assunto.

Durante a entrevista, foi utilizado um gravador, sendo possível registrar de maneira literal tudo que foi dito, além de poder ser o mais coerente e leal ao que a fonte expos na coleta das informações. A transcrição da gravação foi feita pelo próprio pesquisador, podendo ser consultada nos apêndices do trabalho.

Oliveira (2007) ponderando sobre metodologias e objetos folkcomunicacionais fala sobre a utilização da entrevista como recurso técnico metodológico.

Esta metodologia privilegia a entrevista com pessoas que viveram fatos históricos e narram suas vivências. As entrevistas são muito importantes para que possamos perceber como os fatos foram interpretados pelos diversos protagonistas da história, na busca por uma narrativa consistente, que sirva como fio condutor de uma dúvida da pesquisa e que o pesquisador precisa respeitar e interagir com o depoente em nível de igualdade (OLIVEIRA, 2007, p. 93).

A análise de conteúdo contribuirá para que possamos entender de forma mais efetiva nosso objeto de estudo. Ao analisarmos e indicarmos padrões, teremos uma melhor tradução do material que estamos trabalhando. Segundo Fonseca Júnior (2010, p.280), “a análise de conteúdo (AC), em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”.

Dentre as classificações da análise de conteúdo Fonseca Júnior (2010) aponta para um tipo importante: a análise de avaliação. Neste tipo de análise, tem como principal finalidade medir as atitudes do locutor quanto aos seus objetivos. Entende-se que a linguagem representa e reflete diretamente o autor do discurso.

O corpo teórico que irá auxiliar na fundamentação teórica e metodológica deste trabalho foi elaborado pensando nos conceitos apontados pela pesquisa. Dessa forma, direcionamos as principais contribuições e justificativa para o uso dos seguintes autores no trabalho:

Primeiramente, em Marques de Melo (2008), encontramos uma releitura sobre a tese defendida pelo professor Luiz Beltrão – pesquisador que cunhou o termo folkcomunicação. Percebemos uma visão atualizada do conceito de folkcomunicação. A proximidade do pesquisador José Marques de Melo com os estudos do professor Beltrão é outro fator que torna sua contribuição salutar para este trabalho.

Por seguinte, a Antologia da Literatura de Cordel (1978) servirá de suporte para que possamos atingir o objetivo que busca traçar um estudo comparativo entre os cordéis analisados neste estudo e os folhetos produzidos nos moldes tradicionais. Neste livro, os autores

se preocuparam em elencar várias características dos cordéis tradicionais, além de apontar as modificações no gênero durante o tempo.

Além destes, em Santos (2004), nos deparamos com um estudo analítico do autor sobre os paradigmas da ciência. Desse livro, buscaremos extrair as características do paradigma emergente da ciência apresentada, para podermos observar quais as convergências entre esse paradigma e o campo empírico proposto nesta monografia. Neste sentido, Santos (2007) oferece, também, outras reflexões que colaboram com o entendimento melhor de suas ideias.

Ainda, Duarte (2010) nos auxilia a entender as diferentes formas que a técnica metodológica da entrevista pode ser utilizada nas pesquisas em comunicação. O autor ainda indica quais os desafios que o pesquisador poderá enfrentar, auxiliando o uso metodológico da técnica de maneira mais funcional e eficaz.

Nossa contribuição para o campo da pesquisa em comunicação está em debater sobre a interação entre diferentes esferas do conhecimento com a pretensão de reforçar o possível diálogo entre o popular e o erudito; buscar relação dos cordéis biológicos com o paradigma emergente da ciência é outra contribuição, para creditar e reforçar a teoria consolidada por Santos (2004). Além disso, buscamos explorar e ampliar a discussão no campo folkcomunicação, por meio das discussões levantadas neste trabalho.

O cordel tradicional e o cordel biológico

A comunicação torna o homem sujeito ativo do meio em que atua. É por meio da comunicação que os indivíduos podem compartilhar informações, construir conceitos e formular opiniões. Sendo assim, podemos julgar a comunicação como algo elementar na vida do homem.

Nesta perspectiva, o homem foi criando os veículos de informação, que servem como mecanismo para que o indivíduo se mantenha atualizado sobre os acontecimentos que circundam sua realidade. Um dos instrumentos criado pelo homem, com o intuito de trocar informações foi o cordel. No Brasil, os folhetos são inerentes à cultura nordestina.

A literatura popular sempre existiu, pois sempre existiu povo. Desde que o homem se tornou um animal racional, com voz, ele conta seus casos, principalmente de lutas contra inimigos, contra animais, contra a natureza ou de conquistas amorosas. Com a evolução, as técnicas de narração foram se sofisticando até o aparecimento dos versos e rimas (MACHADO, 1980, p.11)

A literatura de cordel é oriunda de Portugal, onde se tem o registro de que era chamada de “folhas soltas” ou “volante”. No Brasil, foi introduzida primeiramente na forma oral pelos colonizadores, na cidade de Salvador e se irradiou pelos estados do Nordeste. Segundo Machado (1980, p. 24), “o nome literatura de cordel vem da península ibérica, onde esses impressos eram exibidos e vendidos pendurados ou cavalgando cordões. E cordões, em língua provençal, quer dizer cordel”.

Segundo A antologia da Literatura de Cordel (1978, p. 15) até a metade do século XIX o Nordeste caracterizava-se por um isolamento das populações habitantes desta região do Brasil, em relação as cidades e até mesmo em si próprio. A dificuldades de acesso à informação e cultura eram consideráveis neste período.

Machado (1980, p. 13) diz que “quando Portugal colonizou o Brasil, tinha uma população de maioria analfabeta em sua metrópole. Os cantadores e os trovadores, jograis e menestres cumpriam um papel importante para a difusão das notícias e da cultura”. As condições sociais de uma parcela significativa da sociedade fez com que o cordel servisse como um instrumento de informação e entretenimento para as pessoas, que não tinham acesso facilitado à informação e cultura.

O cordel passou a ser a voz de um povo, onde os senhores de terras eram os únicos privilegiados no tocante ao acesso à informação e os escravos, servos, camponeses, pobres e pequenos sitiantes permaneciam isolados.

Na Antologia da Literatura de Cordel (1978, p. 16), estudo desenvolvido pela Secretária de Cultura, Desporto e Promoção Social da cidade do Ceará, diz que, segundo o folclorista Norte-riograndense Câmara Cascudo, por volta de 1873 foram impressos os primeiros livretos de cordel do Recife. A princípio, foram utilizados os serviços gráficos dos jornais da época, mas posteriormente utilizava-se de tipografias especializadas para impressão.

Enquanto isso ocorria nas cidades, o interior sofria sensíveis modificações com a libertação do braço escravo, fato este que concorreu para a libertação parcial da mão de obra aí existente. O camponês ainda continuava preso à terra, mas suas possibilidades de movimentação eram maiores. Ao mesmo tempo, cresceu a circulação da espécie monetária, o que favoreceu a criação, no interior, de um mercado consumidor para o cordel que começava a ser impresso nas cidades (ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL, 1978, p. 16)

Ainda segundo a Antologia da Literatura de Cordel (1978, p. 17), o cordel passa a significar quase tudo para o homem pobre do meio rural. Pela linguagem coloquial e acessibilidade ao folheto, o sujeito inserido neste contexto adotou o instrumento de informação como mecanismo principal para manter-se atualizado. Até mesmo os não alfabetizados ouviam os versos narrados ou cantados.

(...) O cordel é jornal, é divertimento, literatura, meio de difusão de conhecimentos, de perpetuação da história e da cultura. É meio de expressão de sentimentos, meio de refletir e pensar a realidade. É, sobretudo, um veículo que permite participar da vida do país, debater a realidade, expressar necessidade e aspirações do povo (ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL, 1978, p. 17).

A contextualização histórica sobre a origem do cordel no Brasil, sobretudo, no Nordeste que traçamos até o momento tem o objetivo de respaldar os aspectos intrínsecos do cordel tradicional, para fazermos um comparativo em relação aos cordéis biológicos do professor doutor Marcos Medeiros. Cabe observar que não temos a pretensão de preencher todas as lacunas históricas da inserção dos folhetos populares no Brasil.

A análise comparativa que fazemos dos cordéis elaborados nos moldes tradicionais e os cordéis biológicos levam em consideração aspectos: estéticos, de conteúdo e de contextualização histórica. Citaremos dados históricos com o intuito de fundamentar nosso discurso e tornar mais evidente nossas percepções acerca das diferenças e convergências dos cordéis populares e biológicos.

Desde a inserção dos folhetos populares se percebe a importância histórica como um instrumento contra hegemônico utilizado, predominantemente, pelas classes populares como meio de informação e entretenimento. Percebe-se, também, a utilização dos cordéis como difusor de conhecimento; e neste quesito apontamos uma primeira similaridade entre o objeto de estudo desse trabalho e os cordéis elaborados nos moldes tradicionais.

Nesta perspectiva, os folhetos se assemelham, tendo em vista que um dos objetivos do trabalho do professor Medeiros (2009) é auxiliar didaticamente os estudantes do curso de biologia. Não obstante, os cordéis biológicos não têm o caráter popular que tinham os tradicionais, mas o objetivo de disseminação de conhecimento se conserva.

Hoje, em pleno século XXI, com os avanços tecnológicos o cordel tradicional não tem o mesmo sentido e importância que teve antigamente. A necessidade pela busca de informação de maneira mais instantânea fez o homem adotar mecanismos mais céleres. Até mesmo a acessibilidade a ferramentas mais modernas fez com que o cordel ganhasse um novo sentido na vida das pessoas que consomem/admiram o gênero.

Entretanto, mesmo com os adventos tecnológicos o cordel ainda ocupa seu espaço. O folheto se fundamentou como um gênero da literatura brasileira a ser apreciado, também, pela elite intelectual. Por abarcar outras classes, o cordel passa a adquirir novas conotações e a se firmar em novas plataformas, como o ciberespaço. Segundo Machado (1980, p. 120) “a literatura popular assim incorpora novos meios de divulgação como o rádio, a televisão, o disco, o cinema, o teatro, o livro erudito, etc. sendo considerada por muitos como a descaracterização do cordel”.

Os folhetos biológicos analisados neste estudo são dotados de objetivos específicos. O professor doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Marcos Medeiros, produziu este material, para auxiliá-lo nas aulas do curso de Ciências Biológicas, que ministrava na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ou seja, o cordel neste caso não tem como foco contextualizar fatos políticos e históricos para a classe popular. Os cordéis biológicos têm o objetivo de serem aplicados nas escolas e universidades como um mecanismo facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

Na Antologia da Literatura de Cordel (1978), se fala do interesse das classes não populares pelos cordéis com tom bastante crítico. Torna-se elementar trazer esta argumentação, tendo em vista que para que ocorra uma apropriação efetiva desse gênero literário da cultura popular o sujeito seja responsável, para não ferir a história dessa ferramenta de comunicação, que é considerada como característica própria da fisionomia cultural da região Nordeste.

Parece-nos, num primeiro exame, que, entre as causas responsáveis por esse novo surto, encontram-se fatores que comporiam correntes de natureza diversa. De um lado, o interesse crescente de camadas não populares pelo cordel representa um dos elementos geradores do atual aumento de circulação dessa literatura. Essas camadas não estão incluídas no público tradicional da poesia de folheto e constituem um novo tipo de público acrescentado ao dos seus tradicionais leitores. Entre os motivos que estariam a estimular o interesse dessas camadas pela cultura popular e pelo cordel, ressalta a necessidade sentida por esses setores de estruturarem uma “cultura nacional” a partir de elementos da cultura popular. Esses elementos, porém, apareceriam reformulados segundo os pontos de vista dos novos interessados. Por falta de elementos próprios, estas camadas estariam buscando no “folclore” sua fonte de criação (ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL, 1978, p. 17).

Nesta perspectiva, são abordados ainda os investimentos na cultura popular como um mecanismo ligado à economia, pois o incremento de ações para reforça a importância da cultura popular estimula o turismo, setor que movimenta uma cadeia importante de trabalho, no Brasil. Por isso, se torna salutar refletir sobre as práticas vinculadas à cultura popular, para que não se torne algo caricato. Para os autores envolvidos na Antologia da Literatura de Cordel (1978, p. 23), qualquer interferência, até mesmo sobre o tipo de conteúdo imbricado nos folhetos, é desconhecer o gênero como “uma literatura viva, que se transforma e se desenvolve, em paralelo com as necessidades populares e com as manifestações dessas necessidades”.

No entanto, em entrevista concedida o professor Marcos Medeiros expõe a aproximação que possui com o gênero literário, para que pudesse se apropriar e desenvolver o trabalho que realiza. “Meu tio era organizador de festivais de cantorias de viola. Naquela oportunidade eu estava com seis anos de idade e morava no sítio de meu avô, onde pude conviver utilizando as cantorias como uma forma até mesmo de lazer, porque eram verdadeiras festas com muita comida, com muita gente presente e era uma animação total, ou seja, um sítio que tinha uma rotina diferenciada” (MEDEIROS, 2014).

Desde sua infância se percebe a aproximação do professor com elementos da cultura popular. Dessa forma, trabalhar com este gênero é expor sua própria personalidade e sua origem, na medida em que dentro de seu trabalho o pesquisador soube imprimir suas características.

Além disso, Medeiros (2014) afirma se comprometer com a preservação da cultura, por meio do gênero, quando diz que “os objetivos para aplicação destes cordéis em sala de aula é para facilitar a aprendizagem e também para preservar a nossa cultura. Duas maneiras muito importantes de se formar, através de modos alternativos, cidadãos”.

A literatura de cordel segue uma padronização quanto aos aspectos formais de sua escrita. Estes padrões são abordados na obra da Antologia da Literatura de Cordel (1978), onde são descritos os elementos e as características da literatura de cordel, tais como: versos, autoria, criatividade, capa, formatação, dentre outras que serão expostas mais adiante. Iremos comparar os cordéis científicos com estes padrões citados.

Começaremos por caracterizar os versos: “o fato de ser escrito em forma de verso, com estrofes, métrica e rimas constantes, além de mais estético, torna o texto mais agradável de ler, ouvir e cantar” (ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL, 1978, p. 29). Os cordéis seguem uma métrica na versificação. As estrofes mais populares são organizadas em sextilhas, septilhas e décima. No entanto, há diversas formas de se metrificar os cordéis.

Apesar de trabalhar com o texto canônico, endereçado a um público inserido no contexto educacional, a versificação dos folhetos biológicos é que faz Medeiros (2009) acreditar que cumpre os propósitos de educar e de estimular a perpetuação da cultura popular com seus cordéis.

Sobre uma possível descaracterização da legitimidade de seus cordéis, por versificar uma linguagem não popular e ser endereçado para um público específico, Medeiros (2014) considera que seu trabalho:

Continua sendo um cordel, porque o cordel tem um estilo muito próprio de sextilhas, septilhas, tudo dividido metricamente e isso mantém as raízes históricas do cordel. Independentemente de a linguagem ser canônica, erudita ou popular o mais importante é que se tenha preservado o estilo da literatura de cordel. Uma coisa muito importante é que o cordel tendo entrado na escola ele deve seguir utilizando uma linguagem culta. A linguagem matuta sem nenhuma intensão pejorativa, ela praticamente inexistente, embora alguns cordelistas ainda mantenham, mas para o professor que utiliza o método alternativo como metodologia de ensino não é interessante utilizar essa linguagem matuta, até porque a poesia no cordel ela muito se aproxima da poesia erudita (MEDEIROS, 2014).

Apontaremos um trecho do cordel intitulado “Com um pé na água e outro na terra”, de autoria de Medeiros (2009 p, 01), para que se possamos observar as características da versificação e metrificação do folheto, mas que também se note aspectos ligados ao conteúdo, que aborda a temática científica – ligada às ciências biológicas.

Um anfíbio é, afinal, Como o próprio nome diz, Ser d'água além do terral, O que decerto condiz, Com um tipo de animal Cuja cor pode ser gris.	Ápodo, não tem as patas cobra-cega, mostra exemplo, Não é cobra lá das matas, Sob o solo vi seu templo, Olhando bem, sei que acatas, Os detalhes que eu contemplo.
--	---

Na Antologia da Literatura de Cordel (1978, p. 30) diz que, nos folhetos não há espaço para divagações. A sequência é sempre linear e deve elucidar na introdução diretamente o assunto que será tratado na obra. Neste quesito não observamos uma descaracterização dos cordéis biológicos, tendo em vista que relatam a temática a ser abordada de maneira clara, objetiva e criativa. Observemos mais um trecho de outro cordel intitulado “Célula, cerne da vida” (2009, p. 01), para perceber que o assunto é prontamente anunciado no início da obra:

Viva a célula, minha gente, Que é nossa unidade viva E a estrutura mais ativa De cada um ente vivente. Nasce, cresce e reproduz, Na planta, recebe a luz Para a síntese premente.	Nos procariotos tem partes que são compatíveis Com locais indescritíveis E situações também. Em núcleo um tanto difuso Às acromáticas dão uso Sem dever nada a ninguém.
--	--

Logo se percebe que o assunto abordado no cordel é célula. Observamos que nos 10 cordéis analisados há prontamente a apresentação do assunto logo na primeira construção de versos. Os títulos encaminham, também, os assuntos abordados nos folhetos.

A Antologia da Literatura de Cordel (1978, p. 35) cita, ainda, que tradicionalmente os cordelistas não davam importância ao fato de os folhetos estarem assinados. Os poetas populares se interessavam que os cordéis rendessem seu sustento e disseminassem seu conteúdo. A preocupação com a autoria começou devido o interesse dos intelectuais.

Atualmente, os folhetos populares são encontrados em sua maioria com capas possuindo xilogravuras, que é um desenho talhado em madeira, em seguida transformado em figura para impressão dos cordéis.

Aos jesuítas se deve outro grande benefício artístico. Foi o de ensinar a arte da xilogravura e da estatuária. Precisavam de imagens de santos para as igrejas e capelas que construíam. E traziam estas de Portugal ou então as esculpiam aqui e as colocavam em pauis ou em lagoas ou rios para serem achadas ou pescadas pelos índios, fazendo-os crer em milagres. Assim, obtinham a cooperação total para edificar os santuários (MACHADO, 1980, p. 16).

Os cordéis biológicos analisados neste estudo não possuem xilogravuras em suas capas. Pelo contrário, encontramos nas capas desenhos/ilustrações e charges (as capas podem se consultadas nos apêndices desta monografia). No entanto, mais uma vez não analisamos este fator como algo negativo, pois em literatura constatamos que em um panorama histórico os primeiros folhetos não possuíam capa, ou seja, o fato mais elementar se torna o conteúdo imbricado na obra.

Os primeiros folhetos de cordel não apresentavam capas como as que encontramos hoje. Em seu lugar Havia apenas a indicação do título e autoria, em letras grandes, na primeira página. Gradativamente começaram a surgir as capas que proporcionavam uma melhor apresentação ao folheto, funcionando ao mesmo tempo como um elemento de ilustração, chamando a atenção do leitor para seu conteúdo (ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL, 1978, p. 38)

Ainda segundo a Antologia (1978, p. 38), as xilogravuras são valoradas mais pelos intelectuais do que pelos leitores habituais da literatura de cordel. Portanto, a falta de xilogravura nas produções do professor Medeiros (2009) não implica a descaracterização como cordéis.

A criatividade com que os poetas populares absorvem os acontecimentos, histórias e percebem os contextos para transformá-los em cordel se assemelha ao trabalho do professor Medeiros que estuda o conhecimento adquirido de maneira lúdica e versificado dentro do cordel.

No livro, “O que é literatura de cordel?” (1980, p. 118) também há um espaço dedicado à caracterização do cordel. Apontamos as peculiaridades dos folhetos tradicionais e comparamos em relação ao campo empírico deste estudo.

As principais regras do folheto são três: oração, métrica e rima. Podendo ter uma quarta: a deixa. A rima é achar as palavras com a mesma terminação sonora para

serem usadas em determinados versos. A métrica é a contagem das sílabas para que possa ser cantada dentro do ritmo tradicional do baião de viola. Quando não há, diz-se que há pé quebrado. A oração é o encadeamento do assunto pelas estrofes, numa sequência lógica. A deixa pode não ser dispensável. Ela consiste em rimar a terminação do primeiro verso da estrofe com o último da estrofe antecedente (MACHADO, 1980, p. 118).

Nestes apontamentos elencados como “regras do folheto” percebemos similaridades entre os folhetos tradicionais e biológicos mais uma vez. Os cordéis de autoria do professor Medeiros (2009) seguem os padrões quanto a oração, métrica e rima, além disso o recurso da deixa é utilizado em alguns cordéis.

As principais diferenciações são: o fato de não ser voltado para a massa, pois utiliza uma linguagem não popular com termos científicos que só são interpretados por pessoas ligadas ao universo das ciências biológicas; e o fato de trabalhar com assuntos não similares aos dos folhetos tradicionais. Entretanto, neste segundo quesito é importante ressaltar que os cordéis podem ser classificados em diversos ciclos, dentre eles os “cordéis educacionais”.

Os folhetos de literatura de cordel versam sobre vários assuntos e, segundo estes, podem ser classificados em diversos ciclos. Há muitas classificações de estudiosos, que o povo desconhece. O escritor Liedo Maranhão de Souza tem o mérito de pesquisar uma classificação popular. Entretanto, achamos que muitas das divisões apresentadas poderiam ser apenas subdivisões de ciclos principais. Assim, propomos aqui uma classificação eclética de quem estuda e de quem é profissional da poesia de cordel (MACHADO, 1980, p. 53).

O fato de o professor Marcos Medeiros utilizar o cordel como recurso didático-pedagógico não é inédito. Machado (1980, p. 58) diz que “com valor de literatura de cordel descoberta e divulgada pelos eruditos e estrangeiros, muitos governantes e empresários a estão usando para auxiliar na educação do povo”. São folhetos que ensinam a plantar, prevenir doenças, evitar acidentes de trânsito, etc. O ineditismo do campo empírico deste estudo é o fato de se trabalhar com a linguagem canônico-científica.

Tomando por base as similaridades e distinções entre os cordéis produzidos nos moldes tradicionais e os cordéis biológicos não invalidamos os folhetos do professor Medeiros (2009). Pelo contrário, sua formação, respeito pela cultura popular e seu objetivo central de apresentar a literatura de cordel para os universitários faz com que seu trabalho se dote de relevância no contexto atual.

Elaboramos uma tabela com as principais diferenças e convergências entre os cordéis, para tornar mais eficaz a observação destes elementos:

<i>CORDÉIS</i>	<i>CORDÉIS BIOLÓGICOS</i>	<i>CORDÉIS TRADICIONAIS</i>
CAPA	Ilustrações/desenhos/charges/fotos	Xilogravuras/desenhos/fotos/ Ilustrações
CONTEÚDO	Conteúdo científico/ linguagem canônica	Conteúdo adaptado para o popular em linguagem acessível
MÉTRICA DO CORDEL	Segue a métrica da versificação inerente à literatura de cordel	Segue a métrica da versificação inerente à literatura de cordel
OBJETIVOS	Propagar conhecimento; servir de ferramenta pedagógica; reforçar a importância da cultura popular	Informar; contextualizar fatos; disseminar conhecimento; entreter

<i>CORDÉIS</i>	<i>CORDÉIS BIOLÓGICOS</i>	<i>CORDÉIS TRADICIONAIS</i>
AUTORIA	Todos com a autoria assinalada na capa e com a biografia do autor no verso	Em princípio não havia a preocupação com a autoria, mas na atualidade os folhetos populares possuem assinaturas
IMPRESSÃO	Impresso em pequenos folhetos	Impresso em pequenos folhetos
ENDEREÇAMENTO	Público acadêmico (específico)	Público amplo (dialoga do popular ao erudito)
CLASSIFICAÇÃO	Cordéis educativos	Classificação diversa dependendo do assunto abordado

Tabela 1. convergências e diferença entre os cordéis biológicos e os cordéis tradicionais

Os cordéis biológicos e a folkcomunicação

A Folkcomunicação estuda o atrelamento entre o folclore e a comunicação. Assim, surge como um campo teórico possível de nos auxiliar a compreender o fenômeno dos cordéis biológicos, tendo em vista os trabalhos encampados nesta ciência, indo de encontro às especificidades deste estudo.

O termo folkcomunicação é de autoria do pesquisador brasileiro Luiz Beltrão (1918-1986). O marco teórico foi sua tese de doutorado, apresentada na década de 60, na Universidade de Brasília.

Para não adotarmos um pensamento tão simplista, como, por exemplo, do folclore na comunicação, corroboramos com as considerações da professora Cristina Schmidt, quando explica que:

Na terminologia Folkcomunicação entram dois termos que merecem distinções, são eles folclore e comunicação. O folclore é o objeto de estudo e a comunicação é a área de conhecimento, dentro das ciências humanas, que fornece os referenciais teóricos e metodológicos. A teoria da folkcomunicação abarca os processos comunicativos não hegemônicos voltados para a comunicação com um mundo em múltiplos processos (SCHMIDT, 2007, p. 34)

Segundo Melo (In GADINI e WOITOWICZ, 2007, p. 21), o campo empírico da folkcomunicação “(...) encontra-se na fronteira entre o folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a comunicação de massa (difusão industrial de símbolos, através de meios mecânicos ou eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas)”.

Apesar dos cordéis científicos, produzidos por Medeiros (2009), não serem endereçados à massa, pela especificidade do conteúdo, percebe-se o atrelamento entre o folclore e a comunicação. Não desvinculando o objeto da área folkcomunicacional.

Beltrão (1967) caracteriza a Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Esta conceituação permite percebermos a proximidade do trabalho do professor Medeiros (2009) com o conceito de folkcomunicação, tendo em vista que, um dos objetivos almejado por Medeiros (2009) é a troca de informações com os alunos e esse intercâmbio se dá por intermédio de um objeto comunicacional da cultura popular, o cordel.

A teoria da folkcomunicação abre-se para os vários segmentos que compõe a sociedade – priorizando os grupos marginalizados dos processos hegemônicos –, e localiza o homem em seus processos e relações. Tem a cultura e o folclore como

objetos, sendo que interessa mais particularmente os processos comunicacionais aí localizados. O estudo do folclore em folkcomunicação é o estudo do intercâmbio de informações no âmbito da cultura (SCHMIDT, 2007, p. 35-36).

Schmidt (2007) nos coloca que a ciência folkcomunicacional prioriza “os grupos marginalizados dos processos hegemônicos”, mas não exclui a especificidade do campo da Folkcomunicação, que é a de estudar o processo comunicacional existente. Vale reiterar que um dos objetivos de Medeiros (2009), é o de apresentar a literatura de cordel com o intuito de divulgar e estimular o desenvolvimento deste gênero – fortalecendo a cultura dentro do espaço acadêmico.

Também consideramos os cordéis biológicos dentro da Folkcomunicação, pois além de termos percebido a dinâmica entre o folclore e a comunicação, inerente a esse objeto de estudo, também acreditamos que o diálogo entre o popular e o erudito permite novas configurações; e os resultados do diálogo do popular em diferentes esferas devem ser estudados pela ciência.

O acesso à informação, o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas, dentre outros fatores sociais, estão contribuindo para que haja uma ruptura em alguns clãs sociais, no Brasil. Tomemos, por exemplo, o acesso ao ensino superior, o qual antigamente não era tão facilitado quanto nos tempos atuais. Isso permite que a academia receba uma parcela de pessoas que não estariam convivendo neste espaço. E a presença destes indivíduos, que possuem experiências diversas, modifica de alguma forma a dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

Medeiros (2009), como já dito anteriormente, tem laço com a cultura popular desde sua infância. Portanto, podemos considerá-lo um membro desta cultura. No entanto, ele se inseriu dentro do ambiente acadêmico, onde absorveu o conhecimento científico e o reconfigurou – adaptando o discurso científico a métrica do cordel.

A inserção de pessoas de diferentes nichos sociais dentro de outros espaços acaba ocasionando uma série de reconfigurações, que foi o que ocorreu com esse objeto de estudo aqui analisado. Esses processos migratórios rendem material para as pesquisas da área das ciências sociais, que podem qualitativamente avaliar e entender a dinâmica destes processos em diferentes contextos.

Quando pontuamos a inserção de diferentes pessoas dentro do ambiente universitário não estamos tratando de forma negativa e/ou hostil. Pelo contrário, acreditamos no possível diálogo entre as diferentes formas de saber. A diversidade provoca a reflexão e torna ainda mais plural o conhecimento. Um dos resultados deste atrelamento de saberes podem ser os cordéis biológicos. É sabido que deve haver outros fenômenos desta mesma natureza híbrida.

A primeira vista, a Folkcomunicação poderia estar limitada ao processo de comunicação realizado nas comunidades através das manifestações de natureza folclórica. Todavia, desde os primeiros estudos baseados nesta teoria, a abrangência da Folkcomunicação foi sendo ampliada para verificar a relação desta comunicação com a comunicação de massas, partindo-se da ideia de que os portadores das culturas tradicionais não vivem isolados na sociedade e, portanto, estão sob influência dos meios de comunicação massivos, influência esta que se tornou crescente nas últimas décadas do século XX, sobretudo com a expansão da eletrificação rural, com o incremento das emissoras de rádio e televisão e com a utilização de antenas parabólicas de recepção dos sinais de televisão, bem como a Internet (BENJAMIN, 2007, p. 25).

Se os membros das culturas tradicionais não são passíveis as influências dos meios de comunicação massivos, eles também não devem ignorar as diversas influências que suscitam em contato com o mundo. As pessoas são sujeitos ativos dentro da sociedade e incorporam e se apropriam de informações. Isso pode ter sido o mote para o trabalho de Medeiros (2009),

que em convivência com o universo da cultura popular desenvolveu a habilidade de metrificar versos, e quando em contato com o mundo científico acumulou conhecimento e estendeu aos seus alunos na forma que melhor traduzia sua personalidade.

Benjamim (2007, p. 25) explica que no livro *folkcomunicação no contexto de massa* há diferentes novas configurações para se estudar a Folkcomunicação devido uma “nova abrangência”. Dentre as novas configurações, ele aponta “a apropriação de elementos da cultura *folk* pela cultura de massas e pela cultura erudita (projeção do folclore)”.

Pesquisadores que já trabalham com a vertente percebem novas formas de se estudar essa ciência, na medida em que os fenômenos estão acontecendo. Foi a apropriação do discurso científico pela cultura popular, que resultou no que estamos estudando neste trabalho.

Tendo constatado esses novos olhares, como o do professor Benjamim (2007) sobre a Folkcomunicação, optamos por não descaracterizar a natureza dos cordéis biológicos no campo folkcomunicacional, mesmo tendo percebido a falta de endereçamento dos folhetos para o povo. Dessa forma, somos estimulamos a pensar novas configurações e não limitar a ciência.

Nesta perspectiva, Marques de Melo (2007, p. 53) diz que “a inovação do legado beltriano pelas novas gerações, em sintonia com as transformações da sociedade, suscita a análise contextual das mudanças ocorridas nos estudos folkcomunicacionais, com a intenção de perceber suas inovações relevantes”. Temos a pretensão de estarmos apontando um novo nicho a ser analisado pela folkcomunicação e contribuindo para o desenvolvimento de outros estudos.

Uma referência conceitual da Folkcomunicação é a de *líder de opinião* ou como chamado por Luiz Beltrão *Folk-comunicador*. Podemos entender esta figura dentro da cultura popular como interpretes das mensagens que recebem. O líder de opinião tem papel de destaque dentro do grupo em que atua – devido o grau de importância da atividade que desempenha.

O líder de opinião após receber as mensagens (no âmbito popular geralmente estas mensagens advêm dos meios massivos de informação) utiliza-se de signos e símbolos comuns ao grupo para repassar as informações. Isso, com o intuito de aproximar e contextualizar os fatos. Nessa perspectiva a comunicação acontece em níveis.

Depois, ainda, estudos de Katz e Lazarsfeld mostraram que a comunicação ocorre num fluxo de dois tempos: num primeiro momento a informação chega a um tipo de destinatário – líder de opinião, que decodifica e re-produz a mensagem para, num segundo momento, transmiti-la a grupos de seu relacionamento (SCHMIDT, 2007, p. 35).

Em nosso estudo há a figura do líder de opinião, que no caso é o professor Marcos Medeiros. No processo de comunicação, percebemos o conteúdo científico em interação com o professor e os alunos, porém Medeiros (2009) capta esta mensagem, metrifca dentro o conteúdo nos moldes da literatura de cordel e estende o conhecimento a seus alunos, por meio dos folhetos.

Reiteramos que o conteúdo científico, mesmo sem ser metrificado, interage com os alunos, tendo em vista que os cordéis são utilizados como recurso adicional e não excluem outras metodologias, inerentes ao ambiente acadêmico. Dessa forma, o discurso científico permanece em contato direto com o professor e com os alunos, mas destaca-se também a tradução do conteúdo científico em cordel dialogando com os estudantes. Essa análise pode ser melhor entendida no fluxograma:

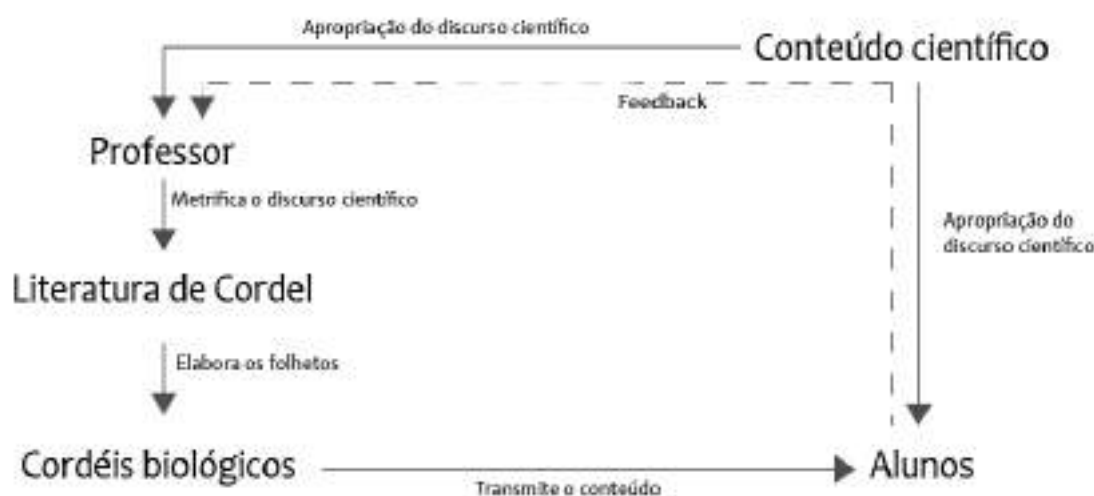


Tabela 2: Fluxograma do processo comunicacional dos cordéis biológicos com os alunos

Inicialmente, os estudos de comunicação davam uma atenção maior a um tipo específico de líder de opinião, o chamado líder vertical – aquele identificado com os ocupantes de posições de alta visibilidade nos meios de comunicação, tais como âncoras de telejornais, ou socialmente diferenciados, tais como representantes formais de organizações profissionais – que gozam de espaços privilegiados para difundir versões dos fatos a um grande número de pessoas ao mesmo tempo. No entanto, há outro tipo de líder de opinião, sem diferenciação social de seus potenciais liderados e sem reconhecimento público. Esse líder desempenha um papel fundamental na difusão de informações e conformação de opiniões em pequenos grupos sociais: trata-se do líder de opinião horizontal, ou, como definido por Luiz Beltrão, em folk-comunicador. É deste tipo de formador de opinião que a folkcomunicação se ocupa (CERVI, 2007, p. 39).

Neste estudo há dentre tantas especificidades uma que chama atenção, em relação ao conceito de líder de opinião, que é a titulação acadêmica. A titulação de professor doutor chancela e credita um status diferenciado ao conceito, devido o ambiente acadêmico obedecer a uma hierarquia. O título traz como significado que o sujeito portador da nomenclatura se debruçou sobre um conteúdo específico. Por isso, tem autoridade e competência para abordar o assunto.

O que é dito pelo professor pode e deve ser questionado pelos alunos, mas o discurso exposto pelo docente tem credibilidade no grupo, até mesmo por que o conteúdo apresentado é fruto de pesquisas e reflexões. Mesmo o grupo acadêmico sendo bastante heterogêneo como já abordado anteriormente, a figura do professor como líder de opinião é inquestionável.

O estudo e a identificação das características do líder de opinião folk ganham relevância quando aplicados a complexas sociedades, onde os indivíduos não pertencem a um só grupo. Têm adesões diferenciadas em relação a determinados temas e o grau de adesão depende da classe social a que pertencem, da cultura, dos padrões etários, etc. E em todo grupo social há pessoas mais ativas; sendo assim mais sensíveis aos interesses do grupo a que pertencem (CERVI, 2007, p. 40).

Dotamos o grupo de sala de aula, do ambiente acadêmico, desta complexidade. Trata-se de um grupo, onde cada membro possui diversas particularidades, os sujeitos são capazes de refletir em densidade sobre os fatores sociais, além do fato de terem experiências de vida dis-

tintas. Isso faz com que a interpretação do mundo seja muito particular. Mas, mesmo assim, pontuamos a figura do docente como líder de opinião dentro desse nicho.

(...) O líder, dotado de uma capacidade para sintetizar os formatos de transmissão dos meios de comunicação, consegue transformá-los em objetos de interesse dos segmentos populares, aproximando os conteúdos midiáticos da realidade dos grupos primários e secundários. Os folk-comunicadores são intérpretes da realidade transmitida pela mídia para as condições de recepção popular (CERVI, 2007, p. 42).

Tomemos para análise essa capacidade de sintetizar as informações captadas pelo líder de opinião. Nota-se que Medeiros (2009) trabalha dentro desta perspectiva, pois ele sintetiza o conteúdo reconfigurando a linguagem para aproximar e tornar mais envolvente a linguagem científica. Dessa forma, a metrificação do discurso científico em literatura de cordel é uma adaptação que pode facilitar a dinâmica do processo ensino-aprendizagem, devido à métrica da linguagem, rimas e etc., sendo possível melhor fixação do que está sendo lido.

O paradigma emergente da ciência e os cordéis biológicos

A hibridação que há no trabalho do professor Marcos Medeiros, entre a linguagem científica (erudito) e um objeto de comunicação da cultura popular, nos provocou a pensarmos no paradigma emergente da ciência, explicitado por Santos (2004) no livro intitulado “Um discurso sobre as ciências”.

O livro de autoria do professor doutor Boaventura de Sousa Santos é uma versão ampliada da Oração da Sapiência proferida na solenidade de abertura das aulas da Universidade de Coimbra, no ano letivo de 1986/87. O autor defende uma posição epistemológica antipositivista, onde procura fundamentar a crise do paradigma dominante da ciência moderna e identifica os principais traços de um paradigma emergente na ciência.

Encontramos convergências entre esse novo pensar científico e os cordéis biológicos aqui estudados. Apontaremos a argumentação exposta por Santos (2004) e atrelaremos ao seu discurso o trabalho do professor Marcos Medeiros, para elucidar o diálogo entre o paradigma emergente e os folhetos científicos de maneira mais efetiva.

Na primeira parte do livro, Santos (2004) procura explicitar o que vem a ser o paradigma dominante da ciência moderna e o caracteriza expondo seu modelo de pensamento. “A nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (SANTOS, 2010. p. 21).

Para Santos (2004), esse modelo de racionalidade está em crise e fundamenta sua tese baseado nos debates da física e da matemática. Segundo o autor, não se deve haver hierarquização entre o conhecimento científico e conhecimento do senso comum, dito também vulgar. O fato do conhecimento popular não se pautar dentro de um modelo de racionalidade da ciência moderna, não descaracteriza sua relevância.

Partindo desse pressuposto, o trabalho do professor Medeiros (2009) corrobora com essa assertiva, tendo em vista que o professor promove uma hibridação entre o discurso científico e a métrica do cordel, além de adequar o conteúdo ao formato de um livreto de cordel tradicional.

Dessa forma, o professor trabalha com o conhecimento científico fundamentado dentro dos padrões da ciência moderna e com o saber popular, tendo em vista que no Brasil a concepção do cordel se deu nas camadas periféricas da sociedade. Como já vimos anteriormente, o gênero da literatura de cordel se originou e se difundiu no país no seio popular.

Os 10 folhetos, campo empírico deste trabalho, apresentam uma hibridação harmoniosa, na medida em que não percebemos atrito no diálogo existente. Nem o conhecimento

científico sofre modificações, nem os folhetos são descaracterizados – como exemplificado no capítulo 1.

Dissertando, ainda, sobre a fundamentação da crise do paradigma dominante da ciência, Santos (2004) diz que:

A crise do paradigma dominante é o resultado interativo de uma pluralidade de condições. Distingo entre condições sociais e teóricas. Darei mais atenção às condições teóricas e por elas começo. A primeira observação, que não é tão trivial como parece, é que a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda (SANTOS, 2010. p. 41).

Apontando a crise do pensar hegemônico, Santos (2004) fala sobre o rigor metodológico da ciência moderna.

O rigor científico, por que fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, descalifica, um rigor que ao objetivar os fenômenos, os objectualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenômenos, os caracaturiza. É em suma e finalmente, uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza. Nestes termos, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta pelo valor humano do afã científico assim concebido (SANTOS, 2010. p. 54).

O autor português aborda ainda as diferenças e polêmicas entre as ciências naturais, onde as pesquisas são em suma quantitativas e produzidas dentro de um rigor científico, e as ciências sociais, que valoram as pesquisas qualitativas e permitem ao pesquisador uma maleabilidade maior com o objeto estudado. “As ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados” (SANTOS, 2004. p. 36).

Se “os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados” expomos uma inquietação: a aplicação dos cordéis biológicos em universidades e escolas de ensino fora do nordeste brasileiro teria o mesmo resultado obtido pelo professor Marcos Medeiros, no Rio Grande do Norte?

Essa pergunta só será possível de ser respondida por meio de mais pesquisas. Alguns fatores promovem o possível êxito dessa metodologia no Nordeste, - tendo em vista que essa região possui maior proximidade com esse gênero textual –, não sendo possível traçar uma regra para aplicabilidade dos folhetos científicos em qualquer outra parte do território nacional.

É necessário deixar claro que as pesquisas sociais não devem pretender traçar padrões. Os fenômenos estudados são mutáveis e variam de acordo com diferentes contextos em que são inseridos. Dessa forma, não temos o objetivo de validar a aplicabilidade do uso destes cordéis em escala nacional. A aplicabilidade deste material em outros contextos implicaria novos fenômenos a serem observados. Santos (2007) fala sobre este assunto expondo o conceito da *razão metonímica*.

A razão metonímica. Metonímia é uma figura da teoria literária e da retórica que significa tomar a parte pelo todo. É essa racionalidade que facilmente toma a parte pelo todo, porque tem um conceito de totalidade feito de partes homogêneas, e nada que fica fora dessa totalidade interessa. Então, tem um conceito restrito de totalidade construído por partes homogêneas. Esse modo de razão indolente, que chamo razão

metonímica, faz algo que, a meu ver, é um dos dois aspectos do desperdício da experiência: contrai, diminui, subtrai o presente (SANTOS, 2007, p.26).

Ainda no livro *Discurso sobre as Ciências*, na seção do livro *o paradigma emergente*, Santos (2004) vai defender o diálogo entre o paradigma científico e o paradigma social. O autor chama essa interação de: “o conhecimento prudente (paradigma científico) para uma vida decente (paradigma social)”.

Reiteramos que essa interação entre os paradigmas expostos por Santos (2004), na década de 60, convergem com o trabalho de Medeiros (2009). Entendemos nesta ótica o paradigma científico como o discurso científico, e o paradigma social como a métrica da literatura de cordel.

Ainda na seção *O paradigma emergente*, Santos (2004) expõe quatro subcapítulos que fundamentam e caracterizam o paradigma emergente da ciência. Iremos expor cada um separadamente e apontaremos o diálogo existente entre o fenômeno aqui estudado e as reflexões trazidas.

A primeira tese é de que *todo o conhecimento científico-natural é científico-social*. O autor expõe essa assertiva e contrapõe a ordem do pensar hegemônico que hierarquiza e torna dual inúmeros fenômenos. Nesse sentido, afirma que:

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa (SANTOS, 2004. p. 64).

Se no paradigma emergente devemos tender a não possuímos um pensamento dualista, o professor Medeiros (2009) em seu projeto trabalha dentro dessa perspectiva, tendo em vista que o seu trabalho impõe um atrelamento intrínseco entre o científico e o popular – também podemos entender o fenômeno como uma interação entre o erudito e o popular.

É importante dizer que a interação possível entre essas dualidades não podem ocorrer havendo algum nível de hierarquização. Ou seja, não importa a interação entre as esferas de conhecimento não se pode privilegiar uma em detrimento da outra.

No livro *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social* o autor português, provocado pelas diferenças da construção do conhecimento científico e, até mesmo, pela diferença entre as visões de mundo dos países do Sul e do Norte, estimulou a criação de um projeto onde os cientistas tentariam identificar as contradições mais persistentes nestes dois eixos. Apontando os temas de discussão do grupo, Santos (2007) diz que:

O terceiro tema, que a meu ver vai se tornar um confronto entre o Norte e o Sul, é o do multiculturalismo; a diversidade cultural, a cidadania cultural os direitos indígenas etc. E o quarto é a questão dos conhecimentos rivais, ou seja, a capacidade que o Norte tem de negar a validade ou mesmo a existência dos conhecimentos alternativos ao conhecimento científico – conhecimentos populares, indígenas, camponeses etc. – para transformá-los em matéria-prima para o desenvolvimento do conhecimento científico (SANTOS, 2007, p. 22).

Observamos que o trabalho do professor Medeiros (2009) utiliza a literatura de cordel, estimulada e fundada na cultura popular, como matéria-prima para criação de um mecanismo facilitador no processo ensino-aprendizagem. Expomos esta argumentação para reforçar o diálogo entre o objeto aqui estudado ao discurso de Boaventura de Sousa Santos.

Percebemos que, no trabalho do professor Medeiros (2009), o conhecimento científico não perdeu validade, na medida em que continua sendo utilizado como conteúdo pedagógico

no processo de ensino-aprendizagem; o mesmo ocorre com o objeto da cultura popular. São conservados tanto aspectos específicos desse gênero no tocante a forma e ao conteúdo.

A segunda tese apresentada por Santos (2004) diz que *todo o conhecimento é local e total*. Nesta parte, o autor fala sobre a personalidade do cientista está presente em seu trabalho, sobretudo, nos aspectos linguísticos e de gênero textual.

A transgressão metodológica repercute-se nos estilos e gêneros literários que presidem à escrita científica. A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é outro lado da pluralidade metodológica. Na fase de transição em que nos encontramos são já visíveis fortes sinais deste processo de fusão de estilos, de interpretações entre cânones de escrita. Clifford Geertz estuda o fenômeno nas ciências sociais e apresenta alguns exemplos: investigação filosófica parecendo crítica literária no estudo de Sartre sobre Flaubert; fantasias barrocas sob a forma de observações empíricas (a obra de Jorge Luís Borges); parábolas apresentadas como investigações etnográficas (Carlos Castañeda); estudos epistemológicos sob a forma de textos políticos (a obra de *Against Method* de Paul Feyerabend) (SANTOS, 2004. p. 78-79).

No campo empírico aqui estudado, vemos a personalidade do professor Marcos Medeiros em seu trabalho com a pesquisa científica, já que seu trabalho como professor permitiu pensar em uma metodologia inovadora que auxiliassem os estudantes a absorverem de uma melhor forma os conteúdos da biologia.

A proximidade do professor Marcos Medeiros desde sua infância com o universo da cultura popular, por meio de participações em festivais de cantoria, promovidos por membros de sua família, faz com que a melhor forma de transcrição de seu trabalho seja através de sua capacidade de metrificar a linguagem para o cordel. Segundo Santos (2010), essa liberdade estilística se enquadra dentro de um novo pensar científico.

No paradigma emergente, o caráter autobiográfico e auto referenciável da ciência é plenamente assumido. A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos (SANTOS, 2004.p. 85).

Vê-se a necessidade de não distinguir o homem do objeto dentro dessa ótica do paradigma emergente da ciência. Entendemos que para trabalhar com a ciência o indivíduo não precisa ser um sujeito que não possui identidade, mas sim um sujeito que incorpore sua subjetividade em seu trabalho e torne-o ainda mais crível para si próprio.

Buscando uma objetividade no trabalho científico, o professor Medeiros (2009) poderia não ter produzidos os cordéis biológicos. No entanto, estaria negando sua habilidade de metrificar, ignorando um traço importante de sua personalidade e não estaria desenvolvendo um importante trabalho de divulgação do gênero da literatura popular.

A quarta e última tese apresentada por Santos (2004), é a de que *Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum*. Nessa perspectiva, consideramos importante demonstrar a relevância que o autor dar para o diálogo entre diferentes esferas do conhecimento.

A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. É certo que o conhecimento do senso comum tende a

ser um conhecimento mistificado mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico (SANTOS, 2004, p. 88-89).

Nos cordéis biológicos analisados neste trabalho, não se tem o conhecimento do senso comum imbricado. O que há é o conhecimento científico. Entretanto, se analisarmos o fato de que a versificação e metrificação dos folhetos tem sua base na cultura popular, perceberemos o nítido diálogo que há entre a linguagem científica e o popular no trabalho do professor Medeiros (2009).

Não temos a pretensão de creditarmos valor ao conhecimento popular, nem estamos traçando uma crítica ao paradigma dominante da ciência para invalidar o que foi construído. Na verdade, estamos apontando o possível diálogo entre as formas de conhecimento existentes e as possíveis virtualidades e ganhos dessa interação.

Outra abordagem feita por Santos (2007, p. 29) é sobre a Sociologia das Ausências, onde afirma que “é um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não-existente, como uma alternativa não-crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo”.

O autor aponta ainda cinco monoculturas que produzem as ausências em nossa racionalidade ocidental e que nossas ciências sociais compartilham. Ateremos-nos a primeira monocultura apresentada, pois diz respeito ao que estamos discutindo neste trabalho.

A primeira é a *monocultura do saber e do rigor*: a ideia de que o único saber rigoroso é o saber científico; portanto, outros conhecimentos não têm a validade nem o rigor do conhecimento científico. Essa monocultura reduz de imediato, contrai o presente, porque elimina muita realidade que foca fora das concepções científicas da sociedade, porque há práticas sociais que estão baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos camponeses, conhecimentos urbanos, mas que não são avaliados como importantes ou rigorosos. E, como tal, todas as práticas sociais que se organizam segundo esse tipo de conhecimento não são críveis, não existem, não são visíveis. Essa monocultura do rigor baseia-se, desde a expansão europeia, em uma realidade da ciência ocidental (SANTOS, 2007, p. 29).

Para contrapor as cinco monoculturas, Santos (2007) expõe cinco ecologias, almejando inverter a situação impostas pelas monoculturas e criar a possibilidade de que as experiências ausentes se tornem presentes. Vejamos o que diz Boaventura para contrapor a *monocultura do saber e do rigor*:

A *ecologia dos saberes*. Não se trata de “descredibilizar” as ciências nem de um fundamentalismo essencialista “anti-ciência”; como cientistas sociais, não podemos fazer isso. O que vamos tentar fazer é um uso contra hegemônico da ciência hegemônica. Ou seja, a possibilidade de que a ciência entre não como monocultura, mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico possa dialogar mais com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês. Isso não significa que vale tudo mesmo. Discutiremos isso com o tempo. Somos contra as hierarquias abstratas de conhecimento, das monoculturas que dizem, por princípio, “a ciência é a única, não há outros saberes”. Vamos iniciar, nesta ecologia, afirmando que o importante não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que determinado conhecimento produz na realidade; a intervenção no real. Estamos tentando uma concepção pragmática do saber (SANTOS, 2007, p. 32).

O autor defende que as diferentes formas de conhecimentos em diálogo se complementam. Para fundamentar sua visão, o autor expõe que 80% da biodiversidade existente estão

presentes em áreas indígenas e que isso não ocorre por acaso. O conhecimento pertinente a essa população promove auxílio na manutenção desta biodiversidade.

Portanto, é notória a necessidade de se haver um diálogo entre as esferas do conhecimento para um avanço científico harmonioso. Refletir sobre o diálogo destes conhecimentos para o desenvolvimento de um objeto metodológico foi o trabalho do professor Medeiros (2009).

Contudo, consideramos que os objetos de estudo deste trabalho possui características bem delineadas dentro do pensamento do paradigma emergente da ciência defendido Santos (2004), assim como, converge para outros pensamentos apresentados pelo autor.

Conclusões

Por meio da análise de conteúdo feita nos cordéis biológicos e pelas discussões encampadas nesta monografia, podemos inferir que mesmo utilizando a linguagem canônica, científica os folhetos produzidos pelo professor Medeiros (2009) cumprem um importante papel de no auxílio do ensino das ciências biológicas e na propagação da Literatura de cordel, como gênero a ser conhecido e apreciado pelos alunos.

Nota-se que no ambiente acadêmico o popular se apresenta, ainda, de forma muito incipiente. Dessa forma, os cordéis biológicos também se apresentam como uma forma de resistência do popular, tendo em vista o contato que os jovens passam a ter com o objeto deste trabalho monográfico.

Pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba realizaram uma intervenção, onde utilizaram cordéis como ferramenta didática com aluno do ensino regular. Os folhetos escolhidos pertencem ao acervo de Literatura de Cordel da biblioteca Átila Almeida e abordavam temas relativos ao ensino da física. Nesta intervenção, os pesquisadores obtiveram como resposta, por meio de questionário, que 82% dos estudantes participantes da ação assinalaram que o emprego dos folhetos estimulou a motivação para estudar e aprender a Física. Os outros 18% afirmaram que o interesse permanecia o mesmo.

Apesar de os folhetos utilizados na intervenção utilizarem o discurso popular e não o científico, como os de autoria de Medeiros (2009), 100% dos alunos assinalou que a contextualização em versos dos cordéis auxiliou no entendimento dos assuntos apresentados. Dessa forma, apontamos como positivo a métrica da Literatura de Cordel, que pode auxiliar na fixação do conteúdo, devido à métrica e rima.

Nota-se que os cordéis biológicos possuem características peculiares, sobretudo, por estarem inseridos dentro do contexto universitário, onde o discurso científico é muito importante. No entanto, há similaridades com os folhetos tradicionais que faz com que não haja uma descaracterização completa de sua essência.

Acreditamos que o professor Marcos Medeiros consegue ressaltar suas raízes criadas em sua infância, por meio da confecção dos cordéis biológicos. A adequação do conteúdo científico dentro da métrica pertinente ao cordel é uma forma eficaz de demonstração de sua personalidade em seu trabalho.

No tocante a discussão epistemológica, baseada em alguns dos pensamentos de Santos (2004; 2010), concluímos que existe aproximação entre o paradigma emergente da ciência, o conceito de ecologia dos saberes e os cordéis biológicos produzidos por Medeiros (2009).

A aproximação entre a folkcomunicação e os pensamentos de Boaventura de Sousa Santos foi discutida e fundamentada no artigo intitulado “A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias”, de autoria do professor doutor Itamar de Moraes Nobre e da professora doutora Vânia de Vasconcelos Gico. O artigo buscou identificar quais os sinais existentes na Folkcomunicação que poderiam indicar características e tendências contextualizadas no pós-colonialismo, nas epistemologias do sul, na contra-hegemonia científica e no paradigma emergente, científico-social.

Corroborando com as convergências encontradas nesta monografia, os autores do artigo quando apresentam as teses abordadas por Santos (2004) notam relação de proximidade entre o paradigma emergente da ciência e a teoria folkcomunicacional beltrianiana.

Por fim, consideramos esta monografia um estímulo inicial para observar os fenômenos da cultura popular em forma híbrida – inserida em contextos diversos –, sobretudo, no ambiente acadêmico científico.

Referências

- Benjamin, Roberto. Folclore. In: Gadini, Luiz Sérgio; Woitowicz, Karina Janz (organizadores). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- Antologia da literatura de cordel. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978.
- Cervi, Emerson. Líder de opinião. In: Gadini, Luiz Sérgio; Woitowicz, Karina Janz (organizadores). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- Duarte, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte, Jorge; BARROS, Antônio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- Fonseca Júnior, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: Duarte, Jorge; BARROS, Antônio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- Gadini, Sérgio Luiz. Cultura Popular. In: Gadini, Luiz Sérgio; Woitowicz, Karina Janz (organizadores). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- Lima, Josenildo Maria de; SOUSA, Jean Moises de; Germano, Marcelo Gomes. A Literatura de Cordel como veículo de popularização da ciência: uma intervenção no ensino de Física. Disponível em: < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0934-1.pdf> > Acesso em 01 de novembro de 2015.
- Machado, Franklin. O que é literatura de cordel?. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- Medeiros, Marcos. Os cordéis biológicos. Natal, 2014. Entrevista concedida a Francisco Rocha.
- Melo, José Marques. Folkcomunicação. In: Gadini, Luiz Sérgio; Woitowicz, Karina Janz (organizadores). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- Melo, José Marques de. Mídia e cultura popular: história, taxinomia e metodologia da Folkcomunicação. – São Paulo: Paulus, 2008.
- Santos, Boaventura Sousa. Um discurso sobre as ciências. 02. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- Nobre, Itamar de Moraes; GICO, Vânia de Vasconcelos. A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias. Revista Internacional de Folkcomunicação, Ponta Grossa, v. 13, n. 29, maio/agosto 2015. p. 31-46.
- Oliveira, Marcelo Pires de. Metodologias e Objetos Folkcomunicacionais. In: Gadini, Luiz Sérgio; Woitowicz, Karina Janz (organizadores). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- Santos, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria Crítica e reinventar a Emancipação Social. Tradução Mouzar Bedito. São Paulo: Boitempo, 2007.
- Santos, Boaventura Sousa. Um discurso sobre as ciências. 02. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- Schmidt, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. In: Gadini, Luiz Sérgio; Woitowicz, Karina Janz (organizadores). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

Biografia

Professor Doutor Itamar de Moraes Nobre: docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (DECOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia e do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação (CCHLA/UFRN). Pesquisador do OBES - Observatório Boa-ventura de Estudos Sociais, em convênio com o Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra-Portugal). Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Membro da RPCFB - Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil.

Jornalista Francisco Rocha: graduado em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

